

# JORNALISMO EM AMBIENTES MULTIPLATAFORMA

## Construção narrativa dos direitos humanos nas reportagens vencedoras do prêmio Vladimir Herzog (2005-2015)

Bianca Gomes de Carvalho, graduanda em jornalismo, ESPM

**Resumo simples:** este resumo expandido se baseia na pesquisa de iniciação científica, ainda em andamento, denominada “A narrativa jornalística sobre direitos humanos no Brasil: humanização e autoralidade”. Ele apresenta uma síntese dos dois primeiros capítulos, “Jornalismo e Direitos Humanos” e “Narrativas Jornalística”, e os resultados parciais das análises das reportagens ganhadoras do prêmio Vladimir Herzog de 2005 a 2015.

**Palavras-chave:** jornalismo; direitos humanos; narrativas jornalísticas.

### Introdução

A pesquisa de iniciação científica “A narrativa jornalística sobre direitos humanos no Brasil: humanização e autoralidade”, da qual este resumo expandido trata, tem como objetivo principal problematizar as perspectivas que têm orientado a narrativa jornalística sobre o tema no Brasil, perguntando se ela se pauta por uma construção mais humanizada e orientada pela sensibilidade e autoralidade ou se tem se pautado numa construção mais técnica, objetiva, imparcial e racional. Para isso, foram escolhidas reportagens vencedoras, na categoria revista, pelo Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, num período de dez anos, entre 2005 e 2015.

Atualmente, a pesquisa apresenta dois capítulos concluídos. Quanto ao capítulo referente às análises do prêmio Vladimir Herzog, estão concluídas sete delas, todas feitas a partir da metodologia da jornalista e pesquisadora Cremilda Medina.

O primeiro capítulo, “Jornalismo e Direitos Humanos”, traz discussões modernas sobre o vínculo entre o surgimento do jornalismo e a defesa dos direitos humanos. Para isso, outros conceitos são discutidos a fim de contextualizar o momento em que ambos surgem na modernidade: democracia, direitos, reforma protestante, iluminismo, revoluções burguesas são algumas das ideias abordadas a partir de nomes como Edmund Burke (2004), John Locke (1689), Emmanuel Kant (1784) e Boaventura de Sousa Santos (2013).

O tema chega ao jornalismo com o surgimento da esfera pública e os estudos de Habermas (1984) sobre o assunto. Fala-se neste capítulo sobre o modo como o jornalismo foi se estruturando na sociedade, como a alma do espaço público (2006). Dotado da capacidade de dar visibilidade às problemáticas sociais, o jornalismo terá o

poder de ampliar discussões e agendar debates sobre o tema, dispondo-se como um “serviço de alto-falante da comunidade” (FERREIRA, 2008, p.1).

Coloca-se em pauta a forma como o jornalismo lidará com o tema. Os estudos de Medina apontam para uma construção mais sensibilizada que fuja da lógica científico-industrial e das condições burocráticas da profissão. Partindo dessa discussão, o segundo capítulo, “Narrativas Jornalísticas”, considera o jornalismo como uma das expressões narrativas factuais da atualidade. Baseada em Mike Bal (1996), Paul Ricoeur (1994), Roland Barthes (1971), Cremilda Medina (2003) e Luiz Gonzaga Motta (2008), a narrativa é posta como a máxima expressão de uma peculiaridade humana de procurar significado. A proposta jornalística se identifica com a concepção de narrativa no sentido de que ambas trabalham para organizar e dar sentido à experiência humana.

O capítulo encerra-se com as discussões sobre os entraves da arte de tecer o presente. Tomada a relação do jornalismo com os direitos humanos e os estudos sobre narrativas jornalísticas, torna-se fundamental a análise das reportagens do prêmio Vladimir Herzog a fim de descobrir como essas narrativas, referência na área, estão sendo construídas.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada para determinar se as narrativas jornalísticas estudadas em questão apresentam ou não uma construção mais humanizada e autoral baseia-se em critérios que sintetizam as abordagens dos jornalistas e pesquisadores Cremilda Medina (2003) e Luiz Gonzaga Motta (2008).

No que diz respeito à Medina, considera-se para análise os quatro eixos definidos em “A Arte de tecer o presente” (2003): aprofundamento do contexto, protagonismo humano, raízes culturais e diagnósticos e os prognósticos dos especialistas

Já no que tange a Luiz Gonzaga Motta, em “A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística” (2008), a análise leva em consideração seis movimentos: recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico, identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios, construção de personagens jornalísticas (discursivas), estratégias comunicativas, a relação comunicativa e o “contrato cognitivo” Metanarrativas – significados de fundo moral ou fábula da história.

## **Discussão e/ou Resultados**

Os resultados ainda são parciais, visto que apenas as análises baseadas nos critérios da Cremilda Medina foram realizadas. O que se observa, na maioria das reportagens, é uma limitação técnica de escrita. Apesar de serem reportagens de direitos humanos, poucas delas preocupam-se em escrever de maneira sensibilizada. Ainda que os jornalistas tenham realizado trabalho de campo, há poucas informações trazidas dessa experiência. O uso dos cinco sentidos (visão, audição, paladar, tato e olfato) - ideal para a humanização da reportagem - é pouco explorado, e o que se tem nas reportagens é uma descrição baseada na observação crua, pouca poética e pouco sensível.

A contextualização tem sido bem trabalhada. Há uma preocupação evidente em acrescentar informações históricas que permitam entender o porquê do conflito que a narrativa traz. Ainda que pareça contraditório, as informações mais embasadas não partem todas de diagnósticos e prognósticos de especialistas, mas de pesquisas do próprio repórter.

Já a interpretação tem sido utilizada por parte das reportagens. Alguns autores restringem-se às informações e não arriscam trazer a subjetividade de suas interpretações para a narrativa. Isso tem gerado, por um lado, reportagens pouco questionadoras. Por outro, isso resulta em pouca, ou nenhuma, autoralidade. Como o jornalista preocupa-se em não oferecer reflexões e ser imparcial, tem-se uma escrita mais técnica e pouca criativa.

## **Conclusões**

Espera-se que as reportagens ganhadoras do prêmio Vladimir Herzog, o mais importante da área de direitos humanos, sejam consideradas modelos a serem seguidos de narrativa. No entanto, há muitas divergências de qualidade entre elas. Entre 2005 e 2015, há reportagens mais completas e outras superficiais, com pouco aprofundamento e nenhuma autoralidade e humanização.

A partir dos estudos realizados até o momento, a humanização não tem sido a preocupação do jornalismo, salvo alguns autores, como a Eliane Brum. Pensando coletivamente, as reportagens diferem-se das demais matérias pela profundidade que oferecem, do ponto de vista da contextualização, e pela maior quantidade de aspas, personagens e fotografias. No entanto, a escrita mantém-se limitada. Há uma riqueza de personagens, todavia não são devidamente exploradas, bem como o ambiente que as

circunda. Ainda há um olhar alienado que procura muito por “boas aspas” e explora pouco o imaginário dos afetos que, segundo Cremilda Medina, “transcende as lógicas consistentes, enlaça os desprotegidos e dá voz aos sufocados” (MEDINA, 2003, p. 58).

Os temas oferecidos pelas reportagens do prêmio Vladimir Herzog pedem por mais sensibilidade. Até o momento, poucas respondem a essa demanda. Mas, esse é um resultado parcial que ainda olhará outras reportagens sob outros pontos de vista.

## **Referências**

BAL, MIEKE. **Teoría de la narrativa**. Madrid: Cátedra, 1990.

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971.

FERREIRA, Carmélio Reynaldo. Mídia e Direitos humanos. ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares (org.). **Direitos Humanos: capacitação de educadores**. V. 2. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural de direitos humanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 48, 1997, p. 11-32.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: o que é Iluminismo**. Lisboa: Edições 70, 1990.

LOCKE, John. **Carta acerca da tolerância**. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. São Paulo: Summus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ciência e jornalismo: Da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

\_\_\_\_\_. **O signo da relação: Comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente**. Revista Contracampo, nº 12, p. 23-50, 2005.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994.

SILVA, Luiz Martins da. Jornalismo, espaço público e esfera pública, hoje. **Revista Comunicação e Espaço Público**, ano IX, nº 1 e 2. Brasília: Ed UnB, 2006.